



## SAÚDE E DOENÇA NA BÍBLIA<sup>1</sup>

---

### HEALTH AND ILLNESS IN THE BIBLE

Flávio Schmitt<sup>2</sup>

#### Resumo:

O surgimento da pandemia provocada pelo coronavírus (SARS-CoV-2) tem despertado as mais diferentes análises e reações. Além da ciência, outras áreas do conhecimento humano têm se debruçado sobre o fenômeno. Entender o que está acontecendo com pessoas, comunidades e a humanidade afetada pela COVID-19 tem sido um esforço que envolve cada vez mais pessoas em diferentes contextos geográficos e intelectuais. Por se tratar de uma doença, a epidemia também desafia o texto bíblico. Para além de uma perspectiva apocalíptica, a Bíblia tem uma palavra a dizer sobre doença e saúde. Ao falar de doença, a Bíblia o faz dentro de paradigmas históricos e culturais condicionados à cultura judaico-cristã. É nesse sentido que a perspectiva teológica da doença adquire significação e relevância. Este texto discute a compreensão de doença e saúde na Bíblia. Faz uma análise da compreensão de doenças consideradas pestes. O percurso metodológico é bibliográfico. O texto tem o objetivo de contribuir na compreensão de fenômenos recorrentes na história da humanidade, como a pandemia.

**Palavras-chave:** Pandemia. Doença. Peste. Saúde. Salvação.

#### Abstract:

The emergence of the pandemic caused by the coronavirus (SARS-CoV-2) has sparked the most different analyzes and reactions. Beyond science, other areas of human knowledge have focused on the phenomenon. Understanding what is happening to people, communities and humanity affected by COVID-19 has been an effort that involves more and more people in different geographical and intellectual contexts. Because it is a disease, the epidemic also challenges the biblical text. Beyond an apocalyptic perspective, the Bible has a say in disease and health. When speaking of illness, the Bible does so within historical and cultural paradigms conditioned to Judeo-Christian culture. It is in this sense that the theological perspective of the disease acquires significance and relevance. This text discusses the understanding of disease and health in the Bible. It makes an analysis of the understanding of diseases considered pests. The methodological path is bibliographic. The text aims to contribute to the understanding of recurrent phenomena in human history, such as the pandemic.

**Keywords:** Pandemic. Disease. Plague. Health. Salvation.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Enviado em: 14.06.2021. Aceito em: 20.09.2022.

<sup>2</sup> E-mail: [flavio@est.edu.br](mailto:flavio@est.edu.br).

## Introdução

Com o surgimento do surto do coronavírus (SARS-CoV-2), responsável por causar a doença Covid-19, uma série de perguntas e preocupações passaram a ocupar a vida de profissionais, autoridades públicas, organismos nacionais e internacionais relacionados à saúde, pesquisadores e a população em geral. Diante da rápida disseminação da doença, depois dos primeiros diagnósticos realizados na China em novembro de 2019, em várias partes do planeta, com diferentes impactos, foram sugeridos planos de contingência e diferentes ações visando minimizar a gravidade dos efeitos da pandemia na saúde da população e na vida econômica de países e continentes.

Não obstante o esforço de autoridades sanitárias, organismos nacionais e internacionais, governos, profissionais da saúde e a população em geral; a Covid-19 se espalhou e, a cada dia que passa, continua ceifando inúmeras vidas pelo mundo a fora. A Organização Mundial da Saúde – OMS<sup>3</sup>, que define saúde não somente como a ausência de doença, mas como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social” da pessoa; classificou a doença causada pelo coronavírus como uma pandemia. Diferente de outras doenças que atingem apenas populações de determinadas regiões geográficas, a doença provocada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), juntamente com a Aids e a gripe A (gripe suína), é mais uma doença a atingir seres humanos em escala mundial.<sup>4</sup>

Pela etimologia, a palavra “saúde” vem do Latim *salus*, que indica um estado físico bom, saudável. Da mesma palavra é derivada a palavra latina *salvus*, que significa salvo. A Bíblia, embora não tenha uma palavra específica para nomear o que modernamente se entende por “saúde”, trata do tema de várias maneiras. O Deus que se revela no Antigo e Novo Testamentos é o Deus da vida. O texto de Lucas diz exatamente isso: “Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos” (Lc 20,38). Ainda assim, o texto bíblico fala de doenças, bem como da dor, sofrimento e morte delas decorrentes. O presente texto se ocupa com a saúde e doença na Bíblia. Neste contexto da saúde e doença destaca as doenças que se caracterizam pelo alto impacto de disseminação, via de regra chamadas de “pragas”.

De imediato cabe destacar que na Bíblia, doenças e suas consequências dizem respeito a situações contrárias à vontade de Deus. Além da compreensão de que Deus é o Deus da vida, a Bíblia também sustenta que a vida é sagrada. Esta sacralidade da vida reside na sua origem. A vida é sagrada porque o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Por ser sagrada, o ser humano tem o compromisso de preservar a vida e a vida em todas as suas formas.

Não obstante a compreensão de que Deus é o Deus da vida e de que a vida é sagrada, a Bíblia também fala das diferentes formas de ameaça à vida. Nesse sentido, pode-se dizer que,

---

<sup>3</sup> Organismo sanitário internacional, criado pela Organização das Nações Unidas, fundada em 1948. World Health Organization (WHO). Disponível em: <https://www.who.int/home-page/index.es.shtm>. Acesso em: 22 de jul. 2020.

<sup>4</sup> A diferença entre surto, endemia, epidemia e pandemia ajuda a entender a doença Covid-19, provocada pelo coronavírus (SARS-CoV-2). Surto ocorre quando “há o aumento repentino do número de casos de uma doença em uma região específica”. Endemia não está relacionada a uma questão quantitativa, mas quando se trata de uma doença (típica) de uma região, podendo ocorrer com muita frequência no mesmo lugar. Epidemia ocorre “quando um surto acontece em diversas regiões”. Pandemia ocorre “quando uma epidemia se espalha por diversas regiões do planeta”. Uma doença é caracterizada como pandemia em função da escala de gravidade. *Surto, epidemia, pandemia e endemia*. Disponível em: <https://www.saolucasopacabana.com.br/noticias/surto-epidemia-pandemia-e-endemia-entenda-qual-e-a-diferenca-entre-eles/>. Acesso em: 22. jul. 2020.

embora doença e saúde sempre foram uma questão de vida e de morte nas mais diferentes culturas e religiões, na tradição judaica e cristã doença e saúde ocupam um lugar de destaque. Esta maneira particular de compreender a doença e a saúde está diretamente ligada à maneira particular de compreender Deus e a experiência religiosa.

## O Paradigma

A maneira da Bíblia compreender a doença e a saúde, bem como sua relação com Deus, está diretamente relacionada com os paradigmas culturais em que esta compreensão é vivenciada. Moacir Scliar, em sua tese de doutorado<sup>5</sup>, menciona três modelos que marcaram a compreensão de doença e saúde nas sociedades antigas e modernas.

O primeiro modelo mencionado é o *modelo mágico-religioso*. Neste modelo toda enfermidade é considerada como manifestação de algum espírito maligno. “Neste modelo, o tratamento está a cargo de um sacerdote ou de um feiticeiro (xamã), os quais, pela mobilização de espíritos benignos tentarão combater a doença”.<sup>6</sup>

O segundo modelo é o *modelo empírico*. Este modelo foi introduzido na história do ocidente pelo exercício da medicina grega, que tem em Hipócrates seu representante maior. Por se tratar de uma questão prática, o modelo empírico parte da experiência acumulada com determinadas doenças a partir da “observação direta, através dos órgãos dos sentidos, mas também da vivência pessoal”.<sup>7</sup>

Esta observação empírica se diferenciava da tentativa de explicação por meio da especulação filosófica e das explicações míticas ou religiosas também vigentes na época. Ao se mostrar cético com relação a uma possível “doença sagrada”, Hipócrates<sup>8</sup> inaugura uma nova forma de compreender a doença. Neste modelo a figura do “médico” depende da relação entre o mestre e discípulo. Este modelo marcou especialmente a sociedade greco-romana, vindo a influenciar a prática médica na Idade Média.<sup>9</sup>

Por fim, o *modelo científico*. Este modelo foi introduzido no ocidente pela modernidade, como consequência da revolução científica e tecnológica ocorrida a partir do século XIX. Neste modelo a doença passa a ter uma “causa definida e características específicas”. Neste modelo surge a profissão de médico e a medicina como ciência. De imediato chama atenção que o relato bíblico está mais próximo do modelo mágico religioso. Contudo, não há como ignorar que também há o testemunho em que o legislador bíblico se baseia em observações empíricas bastante acuradas para fazer uma associação de causa e efeito (Lv 11).

Cabe ainda destacar que toda e qualquer aproximação precipitada ao texto bíblico a partir do modelo científico atual corre o risco de cometer equívocos na interpretação e compreensão do

---

<sup>5</sup> SCLIAR, Moacir. *Da Bíblia à Psicanálise: Saúde, Doença e Medicina na Cultura Judaica*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1999.

<sup>6</sup> SCLIAR, 1998, p. 9.

<sup>7</sup> MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia de Bolsillo*. Madrid: Alianza Editorial, 1985. p. 230.

<sup>8</sup> No texto “A Doença Sagrada”, atribuído a Hipócrates de Cós (460? - 377? a.C.), é dito: “Não acredito que a doença sagrada seja mais sagrada do que qualquer outra doença; creio, pelo contrário, que tem características específicas e uma causa definida” (SCLIAR, 1998, p. 10).

<sup>9</sup> SCLIAR, 1998, p. 10.

fenômeno. Mesmo sendo Palavra de Deus, a Bíblia parte de um paradigma específico para falar de doença e cura.

## O Vocabulário

Além de um paradigma próprio, o texto bíblico também se vale de um vocabulário próprio para falar de doença e saúde. O que mais clama atenção neste vocabulário é a ausência. Esta ausência diz respeito a temas e conceitos modernos e atuais. Ainda que a Bíblia conheça situações e experiências concretas, nem sempre tem uma palavra própria, específica e precisa para nomear aquilo que relata.

A Bíblia trata da doença e saúde de uma maneira prática. Ainda assim, para o nosso substantivo “saúde”, o Antigo Testamento não tem nenhum equivalente hebraico. O mesmo acontece para o nosso adjetivo “são”. Isso, no entanto, não quer dizer que a Bíblia desconheça a realidade que envolve saúde e cura. Pelo contrário, o jeito bíblico de dizer as coisas é diferente do nosso modo moderno e científico de dizê-lo. Assim como o hebraico se vale de muitas expressões para designar doenças, da mesma forma se vale de diferentes expressões para falar de saúde. A palavra comum no hebraico bíblico para “doença” é *holiy* (“fraqueza”, “flacidez”); a palavra geral para “saúde”, portanto, seria “força”, “robustez” - conceitos, então, adquiridos pela experiência prática.<sup>10</sup> Para expressar o restabelecimento da saúde o hebraico também não dispõe de um termo específico. Para expressar o estado de recuperação ou convalescença, são empregadas diferentes formas verbais.

Usa-se aqui o *qal* do verbo *hayah* (= “reviver”; Js 5.8; 1 Rs 17.22s.; 2 Rs 1.2; 8.8-10,14; 20.7; Is 38.1,9,16,21). Da mesma maneira, emprega-se o *p i'el* de *hayah*, com o significado de “(fazer) reviver”, “manter em vida”, “salvar de uma doença mortal” (SI 30.4). Há também o *hifil* da mesma raiz verbal, usado no mesmo sentido, em 2 Rs 5.7; 8.1,5; e Is 38.16.<sup>11</sup>

Já o equivalente hebraico para o verbo curar é *rafa'*.<sup>12</sup> Segundo Dobberahn, no emprego do verbo “se destaca, sobretudo, o fato de que, em alguns casos, *rafa'* aparece como sinônimo do *hifil* da raiz *'alah* (“subir”), significativamente, “fazer subir do *she'ol*” (cf. Dt 32.39; 1 Sm 2.6; SI 30.3s.; 40.3; 71.20; Os 6.1s).<sup>13</sup> A partir de passagens e exemplos do Antigo Testamento pode-se dizer que “a cura de uma doença não é considerada simplesmente “recuperação da saúde”, mas, sim, “volta à vida” e “recuperação” da vida”.<sup>14</sup> O emprego de um vocabulário amplo e ao mesmo tempo prático, remete diretamente à concepção de doença e saúde no Antigo Testamento.

## Concepção de Doença e Saúde

Para uma compreensão da concepção bíblica de saúde e doença convém considerar que o texto bíblico reflete o contexto histórico e cultural da região geográfica onde está inserida. Testemunhos extra bíblicos dão conta que a compreensão de doença e saúde na Bíblia está

<sup>10</sup> DOBBERAHN, Friedrich Erich. Estudos Bíblicos sobre Cura e Salvação. *Estudos Teológicos*, v. 33, n. 2, 1992. p. 278.

<sup>11</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 281.

<sup>12</sup> Na LXX, este verbo é traduzido por *iaomai* – sarar, curar.

<sup>13</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 281. SI 30.3s: “Javé, meu Deus, eu gritei a ti e tu me curaste (= *wat-tirpa'eni*). Javé, tu fizeste subir (= *ha'alita*) do *she'ol* a minha vida (= *nafshi*), tu me reavivaste (= *hiyyitani*) dentre os que baixam à cova”.

<sup>14</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 282.

relacionada à compreensão de doença e saúde no contexto do Antigo Oriente. O pano de fundo desta compreensão sustenta que cura está diretamente relacionada com a vitória, com vitória de Deus, sobre a morte.

No Antigo Oriente existe a compreensão de que a doença pertence ao reino da morte e não ao reino da vida. Além disso, a causa da doença precisa ser buscada fora do doente. Por isso, o próprio combate à doença não pode se limitar apenas ao tratamento dos sintomas. Além de procurar as verdadeiras causas da doença, há um esforço em ir além do simples tratamento.<sup>15</sup> O que a Bíblia diz sobre doença e saúde pode ser conferida na “forma de crenças e práticas referentes ao corpo (aparência externa, estrutura interna, funções), à dieta e à nutrição, ao gênero e à reprodução, às causas e ao manejo de sintomas e das doenças em geral, à assistência médica”.<sup>16</sup>

A maneira de compreender a doença na Bíblia vai do castigo à provação. Para os primeiros cinco livros do Antigo Testamento a doença é castigo de Deus, fruto do pecado, ocasionado pela não observância da Torá. A doença quase sempre é vista como castigo e punição. É motivo de sofrimento e dor. Chama atenção que a punição vem de Deus. Em Levítico 26.16 lemos: “Se não me escutardes e não puserdes em prática todos estes mandamentos, se desprezardes as minhas leis (...) porei sobre vós o terror, a tísica e a febre...”.

Se por um lado a doença é compreendida como sendo castigo de Deus, por outro, a cura também é vista como sendo obra de Deus. Aqueles que cumprem os preceitos divinos, podem esperar pelos favores divinos. No Êxodo lemos: “Servireis ao Senhor vosso Deus e ele abençoará vosso pão e vossa água e afastará de vosso meio as enfermidades” (Êxodo 23.25). No âmbito do Pentateuco, Deus é responsável tanto pela doença quanto pela cura da mesma. Os textos inclusive falam de doenças provocadas por Deus para sensibilizar e punir os inimigos de seu povo (Êxodo 9.8-12). Deus é o médico por excelência: “Eu sou o Senhor que te curou (Êxodo, 15.26).

Unicamente *Javé* é o senhor da doença e da cura. Esta é a certeza bíblica inabalável. No Antigo Testamento, por princípio, não se distinguem curas naturais e milagrosas. Quer contribuam disposições e aplicações humanas, quer não, sempre é essencial que o doente, na sua enfermidade, e convalescente, na sua cura, encontre a Deus que envia tanto a doença como a cura, seja mediata seja imediatamente.<sup>17</sup>

Em grande medida, a experiência bíblica procura explicar a doença com base na Teologia da Retribuição. De acordo com esta teologia, a doença era compreendida como consequência de alguma prática merecedora de castigo. O exemplo clássico desta teologia está no livro de Jó. No entanto, ela também se faz presente na tradição deuteronomista (Dt 28.21-22; 2 Sm 24.13-17).

No período do segundo templo, por influência dos sacerdotes levitas, saúde e doença passam a fazer parte dos critérios de definição de pureza e impureza. Seguindo tradições antigas, os levitas temiam que Deus pudesse matar, visto que por ser puro, se mostrava intolerante com a impureza. Neste contexto, pureza e santidade passam a ser compreendidas como complementares.

---

<sup>15</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 282. Como exemplo pode ser citado o texto onde Marduque é invocado: “Doenças, cefaleias [...] insônia derramaram-se sobre ele [=teu servo], penúria, sofrimento, arquejos. Medo, terror e pavor perseguem-no [...]. Faze viver o teu servo! [...] Que se diga: Marduque é capaz de fazer reviver um morto”.

<sup>16</sup> SCLIAR, 1998, p.11.

<sup>17</sup> WOLFF, Hans W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1983. p. 198.

Quem é puro é santo e quem é santo é puro. “Sede santos, porque Eu sou santo” (Lv 11. 45). A presença de Deus exige a pureza.

Esta pureza começa pela prescrição de alimentos permitidos e proibidos. Os animais que os israelitas podem comer são classificados em quatro categorias: terrestres, aquáticos, aves e insetos alados (Lv 11.1-23).<sup>18</sup> Em Levítico 13 a 15 são mencionadas normas de purificação para diferentes doenças, especialmente as doenças de pele. Aqui os indícios apontam para a compreensão de que as doenças cutâneas eram “sinais de um defeito profundo que atingia a totalidade da vida e a relação com Deus”.<sup>19</sup>

Para o judaísmo antigo, a doença é castigo de Deus, fruto do pecado, ocasionado pela não observância da Torá. Deus é o médico que cura. O doente é excluído da sociedade. A saúde é obtida pela observância da Lei de Deus, por meio de uma alimentação correta e justa (*kosher*) para equilibrar mente, corpo e alma.<sup>20</sup>

No entanto, o Antigo Testamento não apenas associa a doença à morte. Também outras forças que produzem a morte são mencionadas como “doentias”. Neste contexto são apresentados fenômenos sociais como fome, opressão, guerra e marginalização. Os mesmos verbos já mencionados (*hayah, rafa’ e’alah*), empregados para descrever os processos de cura e salvação da morte, também são empregados “em relação à libertação de um mal qualquer ou de uma situação aflitiva, em que o ser humano vive de modo inseguro, isolado, enfermo e dependente”.<sup>21</sup>

Um exemplo pode ser encontrado no Salmo 86. Este Salmo não trata da cura de doentes, mas, do salvamento de pobres e perseguidos. Nele podem ser lidas as palavras: “Pois é grande a tua fidelidade (= *hasdeka*) para comigo, tiraste-me (= *hissalta*) das profundezas do *she’ol*” (Sl 86.14).

Nesta mesma direção pode ser mencionada a passagem do livro do profeta Oseias quando se refere à restauração, depois da destruição e devastação provocada pela guerra siro-efraimita (734-732a.C.). Quando diz “Vinde, retomemos a Javé. Porque ele despedaçou, ele nos curará (= *yirpa’enu*); ele feriu, ele nos ligará a ferida. Depois de dois dias nos fará reviver (= *yehayyenu*), no terceiro dia nos levantará (= *yeqimenu*) e nós viveremos (= *we-nihyãh*) diante dele” (Os 6.1); o profeta está se referindo “à recuperação da fertilidade dos campos e dos rebanhos, à repovoação de cidades destruídas, à reconstrução de um país” e não a alguma doença.

Toda esta coincidência na terminologia com a qual o AT aplica as expressões da cura de uma doença ao salvamento de uma situação de aflição nos mostra que ele denuncia as catástrofes sociais de opressão, marginalização, perseguição e subnutrição como algo “doente”. Tudo leva a crer que a respectiva terminologia é emprestada da linguagem da cura.<sup>22</sup>

Estas observações permitem concluir que no âmbito do Antigo Testamento existe a compreensão de que a doença não está totalmente desvinculada de outros fatores que produzem

<sup>18</sup> Entre os aquáticos e terrestres são mencionados os permitidos e proibidos. Entre as aves e insetos são indicados os animais que não são aptos para serem comidos. ANDIÑACH, Pablo. *Introdução Hermenêutica ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015. p. 111.

<sup>19</sup> ANDIÑACH, 2015, p. 112.

<sup>20</sup> FARIA, Jacir de Freitas. *Doença, Saúde e Sofrimento na Bíblia e nas Religiões*. Santo André: O Mensageiro de Santo Antônio, 2017. p. 51.

<sup>21</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 283.

<sup>22</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 284.

a morte. Isso significa que a doença não é experimentada apenas no âmbito da enfermidade, mas também diante dos flagelos da vida como fome, sede, angústia ou perseguição. Consequência imediata desta compreensão é que a Bíblia apresenta uma concepção mais ampla e abrangente do que seja doença, não se restringindo às categorias essencialistas da medicina moderna. Ela também vê doença nos fenômenos sociais que matam.

Dobberahn ainda chama atenção para um aspecto presente nos Salmos de Ação de Graças. Especialmente nos Salmos de Ação de Graças individuais, “a recordação da situação aflitiva (da “doença”) e o relato da pessoa curada sobre a sua salvação correspondem, em terminologia e estrutura, aos relatos históricos do AT sobre as experiências da história da salvação”.<sup>23</sup>

Sl 9.14: “Javé teve piedade de mim; ele viu a minha miséria - ele que me levantou (=missone’ay), me elevou (=meromemi) das portas da morte!”

Sl 30.3s.: “Javé, meu Deus, eu gritei a ti e tu me curaste (=wat-tírpa’eni). Javé, tu fizeste subir (=ha’ãlita) do she’ol a minha vida (=nafshi), tu me reavivaste (=hiyyitani) dentre os que baixam à cova”.<sup>24</sup>

Depois de relacionar textos de cura e relatos históricos e perceber a correlação entre os mesmos, Dobberahn afirma que “os gritos dos doentes possuem a mesma qualidade histórica que os gritos do povo escravizado no Egito”. É neste contexto que o doente emerge como um ser histórico e político!<sup>25</sup> Portanto, no Antigo Testamento pode-se afirmar que a doença é vista como algo pertencente à morte. Por isso, a causa de uma doença não pode ser atingida pela cura dos sintomas e a compreensão abrangente de doença não se restringe às categorias da medicina moderna.<sup>26</sup>

## A Peste

Na chave bíblica publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, a palavra peste ocorre em doze passagens. Em seis passagens é Deus quem ameaça enviar a peste (Lv 26.25; 2Sm 24.15; 1 Cr 21.14; Jr 14.12, 29.17; Am 4.10). Nos Salmos (41.8, 91.6, 106.30) a palavra é empregada para falar de pessoas acometidas de alguma doença. Em At 24.5 uma pessoa é chamada de peste. Além disso, há mais quatro ocorrências onde a mesma palavra hebraica é traduzida por pestilência (Ex 9.3,15; Nm 14.12; Dt 28.21).<sup>27</sup>

Com a palavra peste, o Antigo Testamento cobre uma série de doenças contagiosas. No caso de Êxodo 9.3, segundo Champlin (2001, p.339), possivelmente se trate de antraz.

Trata-se de uma doença altamente infecciosa e causa febre alta. É causada pelo *Bacillus anthracis* e provoca muitas pústulas. A doença ataca tanto os animais quanto o homem. Essa

---

<sup>23</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 285.

<sup>24</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 285.

<sup>25</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 286.

<sup>26</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 285.

<sup>27</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Chave bíblica*. ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970. p. 372.

doença, além de outras, poderia ter resultado das condições resultantes de pragas anteriores. O antraz é uma enfermidade propagada pelas moscas e pelos mosquitos.<sup>28</sup>

O Antigo Testamento emprega a palavra *maggepa* para falar da praga produzida por Deus (Êx 9.14) e da pestilência que provoca a morte (1 Sm 6.4; Nm 14.37; Sl 106:30). Porém, a palavra hebraica mais empregada é *déber*. Esta palavra ocorre 50 vezes no Antigo Testamento<sup>29</sup> e é traduzida por peste ou praga. Em “sentido estrito significa uma epidemia de doença que provoca grande mortandade”. Num sentido mais amplo pode significar “qualquer tribulação, tragédia ou mal generalizados, especialmente o que for considerado uma punição vinda diretamente de Deus”.<sup>30</sup>

Doenças infecciosas da pele aparecem maciçamente como epidemias (Lev 26,25; Dt 28,21; 2 Sm 24,13). Visto que, as mais das vezes, são mortais, são nomeadas frequentemente em enumerações como *déber* ao lado da espada (p.ex., Êx 5,3; Jer 14,12; Ez 5,17).<sup>31</sup>

Em Ex 5.3, 1 Reis 8.37 e Jr 14.12, é possível que a peste mencionada com a palavra *déber* tenha sido a peste bubônica. Também o Novo Testamento conhece a existência de pestes. O termo utilizado para peste na língua grega é *loimós*. A palavra é mencionada somente duas vezes (Lc 21.11 e At 24.5). Neste contexto das doenças infecto contagiosas, cabe destacar a importância dada ao isolamento social. Não somente em casos de lepra (Lv 13.46), onde o isolamento praticamente se torna uma punição, mas também em outras situações, havia a compreensão de que o isolamento social era uma forma de enfrentamento eficaz à doença (Êx 12.13,22).

## Cura e Salvação

Ao adentrar nas páginas do Novo Testamento somos confrontados com rupturas e continuidades. No que diz respeito ao paradigma cultural relacionado com a compreensão daquilo que nos denominamos de doença pode-se verificar uma continuidade do que já foi verificado no Antigo Testamento. Também no Novo Testamento há uma compreensão mágico religiosa da doença.

No entanto, o Novo Testamento rompe com a compreensão judaica que associa saúde e pecado. Ao propor a promoção da pessoa doente e sua integração na sociedade, Jesus inaugura uma nova maneira de lidar com a pessoa doente. Aqui há uma mudança na compreensão da relação entre doença e saúde, entre saúde e pecado. “A cura vem associada ao perdão dos pecados pela solidariedade. A pedagogia curativa de Jesus consiste em ver o outro, aproximar-se, compadecer e cuidar dele, como fez o bom samaritano (cf. Lc 10,25-37)”.<sup>32</sup>

<sup>28</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números*. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 1. p. 339.

<sup>29</sup> Êx 5.3, Êx 9.3, Êx 9.15; Lv 26.25; Nm 14.12; Dt 28.21; 2Sm 24.13; 2Sm 24.15; 1Rs 8.37; 1Cr 21.12; 1Cr 21.14; 2Cr 6.28; 2Cr 7.13; 2Cr 20.9; Sl 78.50; Sl 91.3; Sl 91.6; Jr 14.12; Jr 21.6; Jr 21.7; Jr 21.9; Jr 24.10; Jr 27.8; Jr 27.13; Jr 28.8; Jr 29.17; Jr 29.18; Jr 32.24; Jr 32.36; Jr 34.17; Jr 38.2; Jr 42.17; Jr 42.22; Jr 44.13; Ez 5.12; Ez 5.17; Ez 6.11; Ez 6.12; Ez 7.15; Ez 7.15; Ez 12.16; Ez 14.19; Ez 14.21; Ez 28.23; Ez 33.27; Ez 38.22; Os 13.14; Am 4.10; Hc 3.5.

<sup>30</sup> *Déber*. In: *DSHB*. Disponível em: <http://semanticdictionary.org/dictionary/main.php?language=pt>. Acesso em: 30 de jul. 2020.

<sup>31</sup> WOLFF, 1983, p. 194.

<sup>32</sup> FARIA, 2017, p. 51.

Na prática de Jesus há uma inflexão no relacionamento com a pessoa doente. Agora o mais importante não é a doença, mas o doente que precisa ser curado. Esta nova maneira de tratar da questão pode ser verificada no vocabulário que é empregado no Novo Testamento.

Não pode ser por acaso que o NT usa o verbo *sóozein* (=“salvar”) nas histórias de cura (Mc 5.34; 6.56; Lc 8.36, etc.) e paraleliza, por vezes, os verbos *iāsthai* (=“curar”) e *sóozein* em textos como Mc 5.28,34. Isso significa que o ser humano é salvo como um todo, não havendo mais dicotomia entre a “cura física” e a “cura espiritual”.

De acordo com este entendimento, quando alguém é curado fisicamente, ele também é curado espiritualmente. Desta forma, “quando alguém é curado de sua cegueira, ele *também* enxerga Deus em seu irmão mais pequeno”. Da mesma forma, “quando alguém é curado da surdez, ele também começa a ouvir o evangelho (cf. Mc 10.52; Jo 9.39ss.; 7.23; At 3.16, etc.)”.<sup>33</sup>

Não obstante as mudanças verificadas na compreensão de saúde e doença na prática de Jesus, permanece a pergunta pela compreensão que o próprio Jesus tinha dos males dos quais as pessoas eram acometidas. Nos evangelhos sinóticos temos relatos onde a cura acontece por meio de exorcismos (Mt 17.14-21; Mc 9.14-29; Lc 9.37-43). Isso significa que Jesus também curava por meio de exorcismos. Porém, os exorcismos não dão conta de todas as manifestações de cura de Jesus. Também há cura sem exorcismo. Wegner argumenta que não é possível afirmar que as doenças, cuja causa não era diretamente perceptível pelos sentidos, eram atribuídas aos demônios por causa da limitação de conhecimentos médicos da época.<sup>34</sup>

Diante das curas realizadas por Jesus, uma pergunta permanece atual: qual era o entendimento de Jesus com relação à doença? Ele compreendia que as pessoas que lhe buscavam para serem curadas eram doentes físicos e mentais como a ciência moderna procura explicar? Uma primeira hipótese acerca da questão sustenta que Jesus era filho da sua época. Como tal, compreendia os males das pessoas como eram compreendidas pelas pessoas e cultura de seu tempo. Nesta argumentação está implícita a compreensão de que o nível de conhecimento humano de Jesus era igual ao conhecimento de qualquer outra pessoa. Nesse sentido, a prática de cura de Jesus estaria relacionada à compreensão que ele tinha da atuação de demônios e maus espíritos na vida das pessoas.

A consequência desta hipótese leva a compreender que, pelo fato de sermos pessoas de outra época, com outra compreensão dos fenômenos, não precisamos mais acreditar em demônios e espíritos como causadores de doenças. Aqui cabe registrar que não é procedente a compreensão de que nós, por termos uma explicação científica e racional da doença, estamos dispensados de cogitar a ação de espíritos e forças externas nas enfermidades das pessoas. Mesmo com celular na mão, as pessoas frequentam espaços religiosos para se livrar de espíritos e forças que supostamente estão agindo em suas vidas, inclusive em forma de doença.<sup>35</sup>

Uma segunda hipótese sustenta que Jesus, embora filho de seu tempo, era uma pessoa avançada para a época. Jesus poderia até não acreditar em demônios, mas teria usado o código

---

<sup>33</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 278.

<sup>34</sup> WEGNER, Uwe. Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus segundo os evangelhos. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, 2003. p. 97.

<sup>35</sup> WEGNER, 2013, p. 98.

cultural de seus contemporâneos para melhor se comunicar com eles. Jesus teria se adaptado ao horizonte de compreensão de seus contemporâneos para tornar seu desempenho mais eficaz.<sup>36</sup>

A consequência desta hipótese nos leva a pensar que não há necessidade de acreditar em demônios, embora do ponto de vista pedagógico possa ser importante alguém se comunicar com categorias e estruturas de pensamento idênticas. A questão central gira em torno do ato de respeitar o modo de pensar e compreender da outra pessoa.

Esta hipótese tem como ponto fraco o fato de que dificilmente seja possível passar para uma outra pessoa alguma crença na qual não se acredita. Diante da tradição literária (Mc 3.22-27 e Lc 10.17-20) fica difícil acreditar que Jesus não acreditasse em demônios. Se assim fosse, certamente teria confidenciado isso em algum momento para seus discípulos.

Uma terceira hipótese sustenta que houve uma evolução na compreensão de Jesus. Inicialmente ele teria comungado do código cultural de seus contemporâneos. Num outro momento, Jesus teria caminhado para uma clareza cada vez maior quanto à identificação da causa provocadora da doença. Na compreensão de Jesus a origem estaria no coração do ser humano (Mc 7.15,21).<sup>37</sup>

Esta hipótese tem como objeção o fato de que, mesmo depois da ressurreição de Jesus, os discípulos e apóstolos não deixaram vestígios de que Jesus tenha evoluído em estágios de entendimento. Se assim fosse, os discípulos não teriam perpetuado uma prática fundamentada no estágio inicial de compreensão. Além disso, se a doença não vem de fora, mas do coração, então a solução estaria no coração das pessoas e não em espíritos ou demônios.<sup>38</sup>

Não obstante as hipóteses e suas objeções, o que efetivamente temos testemunhado nos evangelhos é que Jesus curou pessoas. A cura está relacionada com a salvação em Cristo (Mt 12.15ss). A prática de curar continuou com a missão dos apóstolos (At 3.6,16; 4.30; 9.34) e até hoje está presente na atuação da maioria das igrejas. O que fica claro no Novo Testamento, especialmente na prática curadora de Jesus, é que a cura transforma pessoas e sociedade. Pode-se verificar que Jesus percebe o doente como uma pessoa. Por ser pessoa, considera também sua inserção e integração no seu ambiente, na comunidade e na família.

Chama atenção que a palavra grega *nósos*, normalmente empregada para descrever a doença, bem como as demais palavras empregadas no Novo Testamento (*iaomai* – curar, Lc 9.2; *hygiès* – sadio, Mc 5.25, Lc 5.31), com exceção de *iama* – cura, 1 Co 12.9, ocorrem quase exclusivamente no contexto dos evangelhos e do livro de Atos dos Apóstolos (Mt 8.17; 9.35; Mc 1.34; Lc 7.21, 9.1; At 19.12). Para o Novo Testamento, doença diz respeito a aquilo que se manifesta concretamente. Além disso, o Novo Testamento também adotou a compreensão existente no Antigo Testamento, relacionada com a influência de poderes (Lc 13.16; 2 Co 12.7; At 12.23; Ap 16.2); bem como a compreensão de que doença é consequência da desobediência, do pecado (Jo 5.14; 1 Co 11.30). Para nomear as pessoas doentes, o Novo Testamento emprega o adjetivo genérico *árrostos* (enfermo) - (Mt 14.14; Mc 6.5,13, 16.8; 1 Co 11.30).

---

<sup>36</sup> WEGNER, 2013, p. 99.

<sup>37</sup> WEGNER, 2013, p. 99.

<sup>38</sup> WEGNER, 2013, p. 100.

A palavra grega empregada para falar da cura de Jesus é *therapeuō* (qerapeu,w). O Novo Testamento não emprega o verbo com seu sentido profano de servir, como era usual no mundo grego (Lc 12.42; Hb 3.5). Quanto à incidência do verbo no Novo Testamento, cabe destacar que das 43 ocorrências, 40 se encontram nos livros sinóticos e Atos dos Apóstolos. Com exceção de At 17.25, onde ocorre o emprego cultural para a adoração a Deus, em todas as demais passagens *therapeuō* tem o significado exclusivo de “curar” (Mt 4.23; Mc 3.2,10; Lc 4.23; 40, 14.3; Ap. 13.3).<sup>39</sup>

Somente em Lc 4:23, no provérbio “Médico, cura-te a ti mesmo” e em 8:43 (a mulher com a hemorragia “a quem ninguém tinha podido curar”) é que *therapeuō* denota cura por meios médicos comuns. No resto das passagens, *therapeuō* se emprega para descrever as curas milagrosas operadas por Jesus e Seus discípulos.<sup>40</sup>

Na medida em que as curas de Jesus acontecem, acontece também uma transformação na sociedade. Ao proclamar “os teus pecados estão perdoados” (Lc 7.48) ou “vai, a tua fé te salvou” (Mc 10.52), Jesus reintegra as pessoas doentes ao convívio familiar, religioso e social, Jesus não apenas cura o sintoma físico (Mt 8.28), mas proporciona “salvação”. Por isso é importante ver que, no diagnóstico de Jesus, a situação da pessoa doente também é a situação da comunidade onde está inserida. Da mesma maneira, a cura da pessoa doente, pode também levar à cura da própria comunidade. Neste contexto, a pessoa doente não é tratada nem curada à margem da comunidade e sociedade onde está inserida. Nesse sentido, a cura de cegos e coxos é também a cura da comunidade que os discriminava e expulsava da convivência (Mt 21.14).

Para o Novo Testamento, cura e saúde são testemunhadas como manifestações do Reino de Deus. Jesus não cura simplesmente por que as pessoas estão doentes. Se assim fosse, talvez não teria feito mais que curar. Ele também não cura todas as pessoas que poderia ter curado. Ele cura aquelas pessoas que buscam a cura. A cura realizada por Jesus traz vida e salvação para o ser humano em seu todo. Por isso é manifestação do Reino de Deus. É no contexto de superação das forças do mal (Mc 3.27; Lc 4.39) que Jesus cura doentes, mas também alimenta famintos (Mt 14.13). A presença do Reino de Deus na atuação de Jesus revela ainda um outro aspecto da cura por ele praticada.

Jesus envolve seus discípulos — e, com isso, a sua comunidade — nessa luta, ou seja, nessa realização ativa do reino de Deus (cf. Rm 6.13; 12.3ss.; 14.7ss.; 1 Co 12.4ss.), fato este que se mostra, não por último, justamente na cura de doentes (Mc 6.13; At 3.1ss.; 9.34; 14.8ss.; 16.16ss.; 28.8, etc.).<sup>41</sup>

Nesse sentido, o curar de Jesus encontra eco na cura realizada pela comunidade que lhe segue. Conforme Paulo, também a comunidade é portadora do carisma da cura (1 Co 12.9,28,30). Como tal, tem um papel a desempenhar na manifestação do Reino de Deus por meio da cura. Os relatos de cura estão diretamente relacionados com os milagres de Jesus (Mc 1.29, 5.25, 8.22). Milagres são sinais que revelam ação de Deus. “Nos milagres revela-se a soberania divina, a autoridade do Deus criador de que Jesus é portador (cf. Mc 1.27; 4.41 etc.).”<sup>42</sup> Milagres são indícios

<sup>39</sup> GRABER, F; MÜLLER, D. Therapeuō. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1. p. 497.

<sup>40</sup> GRABER; MÜLLER, 2000, p. 498.

<sup>41</sup> DOBBERAHN, 1992, p. 291.

<sup>42</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *O Segredo do Milagre*. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 21.

do que Deus faz para salvar a sua criatura. Como sinais da irrupção dos tempos messiânicos, milagres são manifestações de sua graça.

Nas curas realizadas por Jesus o objetivo maior é o bem-estar do ser humano, colocando este bem-estar inclusive acima da letra da lei (Mc 2.27). Para alcançar este bem maior para o ser humano Jesus precisa restabelecer o reinado gracioso de Deus. Este restabelecimento se dá pela irrupção do reino de Deus que ocorre na medida em que Jesus cura pessoas (Mt 12.28), alimenta multidões e liberta cativos (Lc 4.16). Da salvação que cura os males que atormentam o ser humano, Jesus se entende como agente em palavra e ação.<sup>43</sup> “É significativo que a maior parte dos milagres de Jesus tenha a sanidade do corpo por objetivo. Ela cura males físicos. Isso de modo algum exclui a cura espiritual. Fé é um dos componentes essenciais da saúde humana”.<sup>44</sup> Aqui também a saúde da fé se torna um fator determinante da cura.

### Considerações Finais

O Antigo e o Novo Testamento partilham da compreensão da cura como parte da própria salvação. A cura coloca fim aos sintomas físicos, ao isolamento social, à discriminação e à impureza cúltica, à opressão e à injustiça. Ao compreender a cura para além da volta ao bom funcionamento físico do corpo e de seus órgãos, a perspectiva bíblica relaciona a cura à salvação. Nesse sentido, a cura operada por Deus mesmo, não visa somente o restabelecimento da condição física saudável, mas uma vida na presença de Deus. Talvez seja por isso que o Antigo Testamento considera a separação da pessoa da presença de Deus por meio da morte como a maior desgraça. Por sua vez, vida saudável diz respeito à vida com sentido, esperança e finalidade. Além da integridade com a criação, a vida curada pressupõe uma vida que sabe agradecer, louvar, vida de alegria e comunhão na presença de Deus.

A cura, seja no Antigo ou no Novo Testamento, antes de ser física, é caracterizada como um processo mais amplo onde a reintegração religiosa e social de toda pessoa acometida de alguma doença acontece. Nos dois testamentos há a compreensão que é unicamente Deus quem cura. Além disso, Antigo e Novo Testamento definem cura, como visto, como parte da própria salvação. Por compreender a doença e a cura dentro de um contexto cultural onde doença e saúde estão intimamente relacionadas com a ação de forças externas ao ser humano (Deus, anjos, demônios, espíritos), o sentido bíblico percebe ambos como parte de um mesmo processo.

A própria experiência de conviver com doenças contagiosas e de alto risco para a vida, seja através de pestes ou da lepra, situa a experiência bíblica no contexto da fragilidade humana, sempre carente e necessitada do poder da cura divina. A dicotomia que ocorre na sociedade moderna entre cura e salvação não encontra paralelo no texto bíblico. Além disso, na Bíblia doença nunca é apenas manifestação de um problema físico. Pelo contrário, o mal físico é apenas expressão de uma realidade mais ampla que envolve aspectos orgânicos, familiares, comunitários e sociais. Nessa direção, o mal físico ou a doença pode também ser consequência de uma situação de pobreza, injustiça ou discriminação.

Na prática de Jesus, um aspecto da cura está relacionado ao perdão dos pecados. Ao realizar sinais da presença do Reino de Deus por meio de curas, Jesus restabelece a saúde das

---

<sup>43</sup> BRAKEMEIER, 2012, p. 34.

<sup>44</sup> BRAKEMEIER, 2012, p. 41.

peças e cura a própria sociedade de seus males ao inserir pessoas curadas na comunidade de fé e sociedade. No cenário de pandemia onde pessoas são estigmatizadas e discriminadas pelo simples fato de terem contraído a COVID-19, a Bíblia tem algo a dizer. Também aqui o perdão da culpa por Jesus também pode curar doentes de hoje em termos sociais. Diante do elevado número de mortes provocadas pelo coronavírus (SARS-CoV-2) somos desafiados a perguntar onde está Deus em meio a tudo isso. A resposta que a Bíblia nos dá, especialmente na prática de Jesus, está diretamente relacionada com o Deus da vida. Deus quer a vida e não a morte de seus filhos e filhas.

## Referências

ANDIÑACH, Pablo R. *Introdução à Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015.

BÍBLIA. Bíblia Almeida. ed. rev. e atua. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BORTOLLETO FILHO, Fernando (Ed.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O Segredo do Milagre*. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 1.

DOBBERAHN, Friedrich Erich. Estudos Bíblicos sobre Cura e Salvação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 33, n. 2, p. 278-293, 1992.

FARIA, Jacir de Freitas. *Doença, Saúde e Sofrimento na Bíblia e nas Religiões*. Santo André: O Mensageiro de Santo Antônio, 2017.

GRABER, F; MÜLLER, D. *Therapeuõ*. In: Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1.

MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía de Bolsillo*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

MULLER, Enio. Deber. In: Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico (DSHB). Disponível em: <http://semanticdictionary.org/dictionary/main.php?language=pt>. Aceso em: 30 de jul. 2020.

SCLIAR, Moacir. *Da Bíblia à Psicanálise: Saúde, Doença e Medicina na Cultura Judaica*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1999.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Chave bíblica*. ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.

WEGNER, Uwe. Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus segundo os evangelhos. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, p. 82-103, 2003.

WOLFF, Hans W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1983.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Disponível em: <https://www.who.int/home-page/index.es.shtm>l. Acesso em: 22 de jul. 2020.